

**ESCOLARIZAÇÃO E CLASSES SOCIAIS: ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO DOS GRUPOS VIA PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO**  
SETTON, Maria da Graça Jacintho – USP

**Ementa:**

Embora venha crescendo o número de investigações acerca da escola no Brasil ainda não sistematizamos as diferentes expectativas de escolarização entre os segmentos sociais. Nesta Mesa Redonda dando continuidade às reflexões já desenvolvidas faremos uma leitura sobre as estratégias de reprodução dos grupos a partir da instituição escolar. A intenção é fazer uma análise relacional sobre o papel distintivo que escola detém, enquanto matriz disposicional capaz de orientar práticas e representações em um contexto em que escolarização ainda não se universalizou. Para desenvolver este argumento analisaremos como os segmentos de elite e os segmentos populares vivem a experiência escolar. Pretendemos com esta discussão fazer um balanço analítico sobre a importância da cultura escolar em grupos com trajetórias distintas a fim de observar seus variados e estratégicos usos.

**Justificativa**

Em *Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola*, Sposito (2003) define dois tipos de abordagem acerca da escola. Lembra-nos que grande parte dos estudos que marcaram ou marcam presença tomam esta instituição enquanto categoria analítica, ou seja, trabalham a escola e o sistema de ensino em suas relações com a sociedade global, mas muitos outros analisam estas instituições enquanto unidades empíricas de investigação. A autora nos oferece pistas sobre a importância dos estudos a respeito da escola não obstante, argumenta que para se compreender melhor esta instituição socializadora deveríamos investir em uma outra série de análises, que mesmo não enfatizando aspectos pedagógicos, históricos e sócio-culturais correlatos a ela poderiam nos auxiliar na ampliação de seu conhecimento. Desta forma Sposito justifica todo um conjunto de investigações que ainda que não desconsidere as anteriores elege como problemas aspectos

indiretamente relacionados à escola. Ou seja, estudos sobre outras instâncias educativas, a vida extra-escolar dos alunos, o cotidiano familiar planos para o futuro ou estratégias de mobilidade social deveriam ser mais constantes.

É na articulação destas linhas de análise que a presente Mesa Redonda se encontra. Pretendemos analisar a instituição escola e suas relações com a sociedade global a fim de compreender quais os alcances e os limites que ela detém nas estratégias de hierarquização e manutenção das relações de força e dominação. Para tal empreendimento iremos nos apoiar nas experiências de socialização escolar e extra-escolar de dois distintos segmentos sociais.

A intenção de fazer uma discussão relacional sobre a centralidade da escola na construção das disposições de *habitus* em um grupo de jovens remete a preocupações de natureza teórica e empírica sobre a particularidade do processo de socialização do mundo contemporâneo. Partimos do pressuposto de que a escola - partilha com outras instâncias socializadoras (a família, a religião e as instituições midiáticas, grupos de pares, o trabalho) uma grande responsabilidade pedagógica. Neste sentido identificamos uma nova estruturação no campo da socialização distinta das demais verificadas historicamente. Pensamos que a modernidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescle as influências familiar, religiosa, **escolar** e midiáticas (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado.

Com poucas discordâncias, desde as reflexões de Durkheim (1947) até hoje (Nóvoa,1991), a escola sempre foi vista como responsável pela transmissão de um saber consagrado como útil para a manutenção de uma ordem baseada na divisão do trabalho social. No passado, e de certa forma ainda hoje, a escola sempre apresentou a tendência de introduzir barreiras entre seus níveis e respectivos públicos. Ambígua por natureza, a escola é responsável também pela expansão do acesso ao conhecimento ao mesmo tempo que pode contribuir para o fortalecimento de saber restrito para poucos (Bourdieu, 1998).

Atualmente, considerando uma realidade mais contemporânea, é possível identificar uma complexidade maior no interior do sistema escolar (Dubet,1996). A escola para as massas não mais propaga uma coerência em seus projetos educativos. Se anteriormente a escola era regulada de maneira muito firme, com públicos e projetos educativos

homogêneos, hoje a diversidade de expectativas e aspirações dos estudantes, mesclam-se com a heterogeneidade das propostas educativas de escolas e professores. A massificação escolar modificou a forma de distribuição das qualificações. Embora, oficialmente, todos tenham acesso a ela, as trajetórias estudantis, os usos do saber escolar variam de acordo com as experiências de vida - familiar, escolar e midiática - dos indivíduos (Lahire,1997;1998).

Entretanto, não deixando de ser uma instituição do saber e da produção do conhecimento, a escola perde seu papel organizador, pois não detém mais o monopólio das referências identitárias (Dubet,1996). Não deixando de ser um forte instrumento de hierarquização social, sujeita a uma variedade de público e pouco preparada para enfrentar os desafios que cada um deles lhe propõe, a escola se enfraquece enquanto agência da socialização, responde e serve de forma fragmentada às expectativas diferenciadas de seu público. Neste sentido cumpre sistematizar um conhecimento sobre a variedade de motivações grupais e individuais que levam os segmentos sociais até ela.

As inquietações desta discussão também se fundamentam na hipótese a respeito da força da matriz da cultura escolar em um país como Brasil que possui um histórico de escolarização ainda incompleto. Se atentarmos para as estatísticas educacionais podemos observar que só muito recentemente conseguimos universalizar o acesso à escola de nível fundamental em nosso território. Em relação ao ensino secundário, ainda que nos primeiros anos do século XXI tenha crescido expressivamente suas matrículas, verificamos que seu acesso ainda não se apresenta generalizado em todas as regiões do país, ou mesmo entre os segmentos de distintiva origem social. No que se refere ao ensino superior, devido a herança de baixa escolarização as estatísticas se apresentam muito distante de nossos vizinhos latino americanos. Grosso modo, segundo o *Censo Demográfico de 2005*, a população de 25 anos ou mais tinha em média 7 anos de estudo, ou seja, não ultrapassou o ensino fundamental e 11% são analfabetos. Apenas 43,3% estudaram de 8 ou mais de 15 anos.

Por outro lado, seria importante refletir ainda sobre a centralidade da escola nas relações estabelecidas entre ela, as mídias e o mercado de cultura enquanto diferentes matrizes legitimadoras de práticas culturais. No caso do Brasil, mais especificamente, desde os anos setenta, a sociedade vem convivendo com a realidade dos meios de comunicação de

massa de maneira intensa e profunda. Pouco letrada e urbanizada, em algumas décadas, a população brasileira viu-se imersa em uma *Terceira Cultura*, como diria Edgar Morin, - a cultura da comunicação de massa - que se alimenta e sobrevive à custa das culturas de caráter humanista - nacional, religiosa e escolar (Morin,1984).

Assim, procuramos aqui problematizar o fato de que um conjunto de atividades sob influencia *de outros, com outros, ou por outros espaços socializadores* coloca-nos o problema da complexa relação entre escola e outras matrizes de cultura na formação das disposições de *habitus* e as diferentes estratégias de reprodução dos segmentos sociais analisados.

Para concluir enfatizamos que estudar a escolarização das elites é uma forma de colher material de análise para uma sociologia relacional dos grupos. Nas sociedades em que as oportunidades de ensino são desiguais e injustas, os grupos de elites são aqueles que definem o modo *correto* de se relacionar com a escola fornecendo as categorias de análise do juízo professoral e intelectual, bem como fornecendo modelos de escolarização para os outros segmentos menos privilegiados. Por outro lado recolher material sobre a escolarização dos segmentos populares é uma oportunidade de compreender o papel da escola no jogo simbólico da distinção que se estabelece entre eles e os grupos dominantes. Tensões, rupturas, ambigüidades entre projetos de socialização familiar e projetos de socialização escolar seriam aspectos importantes para se compreender as relações de dominação e de imposição de um modelo societário.

### **Bibliografia**

- BOURDIEU, Pierre (1998), *Escritos de Educação*. org. Nogueira&Catani. Ed. Vozes. Petrópolis.
- DURKHEIM, Emile (1947), *La education moral*. Ed. Losada S.A .Buenos Aires.
- DUBET, François (1996), *Sociologia da Experiência*. Ed. Instituto Piaget. Lisboa.
- LAHIRE, Bernard (1998), *L'homme pluriel*. Nathan. Paris.
- MORIN, Edgar (1984), "A Integração Cultural". in *Cultura de Massas no Século XX – O espírito do tempo. I – Neurose* . Ed. Forense Universitária – Rio de Janeiro.
- NÓVOA, Antônio, (1991), "Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente". in *Teoria e Educação*, número 4. São Paulo.

SPOSITO, Marília, (2003) – Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.  
In *Revista USP*, 2003, São Paulo.

### **Participantes**

#### **Coordenação**

**Maria da Graça Jacintho Setton – Profa. Sociologia da Educação – USP**

#### **Participantes**

**Ana Almeida – Profa. Sociologia da Educação UNICAMP**

**Maria Alice Nogueira – Profa. Sociologia da Educação - UFMG**

**Nadir Zago - Profa. Sociologia da Educação - UFSC**